TEORIA FREUDIANA E APLICAÇÃO

ANDRÉA CRISTINA PACHECO GUEDES

RESUMO
Este artigo apresenta os principais conceitos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e discute suas aplicações no campo educacional e psicopedagógico, com ênfase na infância. São abordadas as estruturas psíquicas (Id, Ego e Superego), as fases do desenvolvimento psicossexual, os mecanismos de defesa e o papel do inconsciente nos processos subjetivos. A partir da escuta simbólica e da compreensão das manifestações infantis, o artigo propõe reflexões sobre a atuação do educador como mediador emocional. Conclui-se que a teoria freudiana oferece importantes contribuições para práticas que respeitam a singularidade da criança e promovem o acolhimento de seus conflitos internos.
Palavras-chave: Freud; psicanálise; infância; educação; subjetividade.

1. INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desenvolveu uma teoria inovadora sobre a mente humana, destacando a importância do inconsciente, dos conflitos internos e das experiências infantis para a formação da personalidade. Suas ideias, apesar de controversas, continuam sendo referência fundamental para o entendimento do comportamento humano, das emoções e das relações interpessoais. A teoria psicanalítica transformou radicalmente a forma como o ser humano passou a compreender o funcionamento da mente. Ao introduzir conceitos como inconsciente, repressão, pulsão e conflito psíquico, Freud inaugurou um campo de conhecimento que ultrapassou os limites da clínica médica e influenciou profundamente a psicologia, a filosofia, a literatura, a arte e a educação. Freud compreendia o sujeito como constituído por forças inconscientes, desejos reprimidos e experiências infantis que moldam seu comportamento e sua personalidade. Nesse sentido, a infância não é vista apenas como um período de preparação para a vida adulta, mas como uma fase fundante da subjetividade, onde as vivências emocionais, os vínculos e os conflitos se inscrevem de maneira decisiva na formação do indivíduo.

Ao longo do século XX, diversos autores ampliaram e adaptaram o pensamento freudiano para o campo educacional e psicopedagógico, demonstrando que a escuta da criança, sua expressão simbólica por meio do brincar, do desenho e da linguagem, pode revelar conteúdos importantes do seu mundo interno. Nesse contexto, a escola não é apenas um espaço de ensino, mas também de convivência, afetividade e constituição subjetiva. Ao reconhecer que o sujeito em desenvolvimento é atravessado por conflitos inconscientes, este artigo reafirma a importância de uma pedagogia que valorize não apenas o conteúdo, mas também o desejo, a escuta, o afeto e a singularidade de cada criança. Afinal, como dizia Freud (1914), “somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de espírito” — e a educação, nesse sentido, é também uma travessia ética entre o mundo interno e o mundo social.

Com base nisso, é possível afirmar que a psicanálise não oferece receitas prontas ou métodos pedagógicos fechados, mas sim uma atitude investigativa e escutadora diante do outro. Segundo Mannoni (1984), a relação educador-educando, quando pensada sob o olhar psicanalítico, se torna um espaço de troca simbólica, onde o professor também é convocado a refletir sobre seus próprios desejos, limites e transferências. Assim, a educação se apresenta como um campo fértil para o diálogo entre saberes, afetos e subjetividades.

A escuta psicanalítica na educação não se reduz ao diagnóstico ou à rotulação de comportamentos, mas propõe uma leitura do sintoma como mensagem cifrada. A criança que se recusa a participar de uma atividade, que se isola ou que manifesta comportamentos agressivos, pode estar expressando, por meio de sua ação, um conflito interno não simbolizado. Compreender esse sinto-

ma sob a ótica freudiana permite ao educador deslocar o olhar da normatização para o acolhimento da diferença e da complexidade do ser.
Além disso, a teoria freudiana fornece ferramentas importantes para o enfrentamento de temáticas como a angústia de separação, o processo de socialização, a construção do superego e o desenvolvimento da autonomia. Ao considerar a sexualidade infantil como parte natural do desenvolvimento, Freud desafia paradigmas conservadores e convida educadores a lidarem com o corpo e o desejo de maneira ética, respeitosa e não repressora.
Nesse sentido, a psicanálise contribui não apenas para a compreensão das crianças, mas também para a formação dos educadores, que muitas vezes se deparam com suas próprias questões emocionais durante a prática docente. A escuta de si mesmo, a supervisão e a análise pessoal tornam-se aspectos fundamentais para que o profissional da educação possa exercer uma atuação mais consciente, empática e transformadora.
Portanto, refletir sobre a teoria freudiana no contexto da Educação Infantil é um exercício de escuta, de sensibilidade e de abertura ao sujeito em sua complexidade. Trata-se de reconhecer que, por trás de cada criança, há uma história, um desejo e um universo simbólico que merecem ser acolhidos. A educação que integra os fundamentos da psicanálise se aproxima de uma prática mais humana, mais ética e mais comprometida com o desenvolvimento integral do ser.
A proposta deste artigo é apresentar os principais fundamentos da teoria freudiana — como as instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego), as fases do desenvolvimento psicossexual e os mecanismos de defesa — e discutir suas possíveis aplicações no contexto escolar e psicopedagógico. Pretende-se destacar como a escuta qualificada do educador, baseada em uma compreensão psicanalítica da infância, pode contribuir para práticas mais humanizadas, sensíveis e eficazes no acolhimento das manifestações emocionais das crianças.

2. Fundamentação Teórica

2.1. O inconsciente e a estrutura da personalidade

Freud (1923) propôs que a mente humana é composta por três instâncias: o Id (instintos primitivos e desejos), o Ego (parte consciente e racional que medita entre o Id e a realidade) e o Superego (normas sociais internalizadas e consciência moral).
O inconsciente guarda conteúdos reprimidos, desejos e memórias que influenciam o comportamento, muitas vezes sem que a pessoa tenha consciência disso. Essa dinâmica interna gera conflitos que se manifestam nos sintomas, sonhos e atos falhos.

2.2. Desenvolvimento psicossexual

Freud dividiu o desenvolvimento infantil em cinco fases psicossexuais: oral, anal, fálica, latência e genital. Cada fase apresenta um foco libidinal diferente, e conflitos não resolvidos em alguma fase podem gerar fixações ou problemas emocionais futuros.
Por exemplo, a fase oral (0 a 1 ano) está relacionada à boca e à alimentação, e dificuldades nessa fase podem refletir em comportamentos como fumar ou comer compulsivamente na vida adulta. A fase anal (de 1 a 3 anos) tem como zona erógena principal o ânus, sendo marcada pelo processo de controle dos esfíncteres. Nessa etapa, questões ligadas à ordem, limpeza, controle e autonomia ganham relevância. Conflitos mal resolvidos podem gerar, na vida adulta, características como rigidez excessiva, perfeccionismo ou, em contrapartida, desorganização e desleixo.
Em seguida, a fase fálica (de 3 a 6 anos) centra-se na zona genital e é quando surgem os primeiros questionamentos sobre as diferenças entre os sexos. Essa fase está diretamente ligada ao Complexo de Édipo, momento em que a criança direciona seus desejos para o genitor do sexo oposto e rivaliza com o do mesmo sexo. A forma como esse conflito é resolvido influencia diretamente a construção da identidade e da sexualidade.
A fase de latência (dos 6 aos 11 anos) caracteriza-se por uma relativa estabilidade libidinal. Nessa etapa, as energias psíquicas são voltadas para a aprendizagem, as relações sociais e o desenvolvimento de habilidades

cognitivas. O recalque das pulsões sexuais permite à criança investir em outras áreas, como a escolarização e a construção de vínculos de amizade.
Por fim, a fase genital (a partir da puberdade) retoma os interesses sexuais de forma mais madura e direcionada ao outro. Nessa fase, a sexualidade se organiza de maneira mais integrada, permitindo o estabelecimento de relações afetivas e sexuais adultas, além da consolidação da identidade.
O percurso pelas fases psicossexuais, segundo Freud, é fundamental para a constituição do sujeito. Fixações ou regressões a etapas anteriores podem se manifestar por meio de sintomas neuróticos, dificuldades emocionais ou padrões de comportamento disfuncionais. Por isso, compreender esse desenvolvimento é essencial tanto na clínica quanto na educação, para que se possa acolher e intervir de forma ética e sensível diante das manifestações do inconsciente infantil.

3. A escuta clínica da infância sob a ótica freudiana

A escuta clínica da infância, com base na psicanálise freudiana, não se restringe ao que é verbalizado. Na verdade, muitas vezes, a criança expressa seus conflitos através de jogos, desenhos, atos falhos, sintomas e silêncios. Freud (1900) já afirmava que os sintomas são formações de compromisso entre o desejo inconsciente e as exigências da realidade.
No atendimento clínico infantil ou em práticas de acolhimento educativo, o profissional precisa estar atento à linguagem simbólica, oferecendo um espaço de confiança onde a criança se sinta livre para representar seus afetos e conflitos. O sintoma da criança, como por exemplo a recusa alimentar, os medos exagerados ou o choro frequente, não deve ser combatido diretamente, mas compreendido em seu valor psíquico.
Como dizia Freud (1926):
"Os sintomas devem ser escutados como uma linguagem que ainda não encontrou palavras conscientes."
Assim, escutar a criança é, em essência, escutar sua história e sua subjetividade.
Além da atenção aos sintomas e à linguagem simbólica da criança, a escuta clínico-pedagógica freudiana valoriza o brincar como via privilegiada de acesso ao inconsciente infantil. No jogo livre, seja com bonecos, areias ou dramatizações, emerge o desejo reprimido e as fantasias em elaboração, permitindo ao profissional observar transferências e resistências que, em contexto verbal, permaneceriam silenciadas. Essa escuta implica em acolher o brincar sem correções imediatas, oferecendo intervenções pontuais que favoreçam a elaboração psíquica e a simbolização, conforme Freud (1908), para quem “a brincadeira é uma forma de trabalho inconsciente” (Freud, 1908).

Por fim, a presença clínica na escola ou no consultório deve pautar-se pela neutralidade benevolente e pela constância da escuta, criando um ambiente de segurança emocional em que a criança sinta-se livre para ensaiar novas formas de relação. A construção de um setting acolhedor — com espaço organizado, materiais apropriados e disponibilidade afetiva do adulto — potencializa o surgimento de narrativas e representações que subsidiam a intervenção psicanalítica e psicopedagógica. Desse modo, a escuta clínica freudiana contribui para uma prática educativa que equilibra contenção e criatividade, respeitando o ritmo de cada sujeito e possibilitando-lhe desenvolver recursos internos para enfrentar angústias e frustrações.

3.1. Contribuições da teoria freudiana para a psicopedagogia

Na psicopedagogia, a teoria freudiana fornece ferramentas importantes para compreender os entraves no processo de aprendizagem. Freud foi pioneiro ao associar sofrimento psíquico a manifestações físicas e comportamentais, o que se aplica diretamente ao ambiente escolar, onde muitas vezes o fracasso escolar não é cognitivo, mas emocional.
Sintomas como dificuldades de atenção, evasão, timidez extrema ou agressividade podem ser lidos como expressões inconscientes de conflitos afetivos. O psicopedagogo, ao considerar essas questões sob uma lente freudiana, amplia sua escuta e suas

possibilidades de intervenção.
Além disso, o conceito de transferência — quando a criança projeta no educador, psicólogo ou terapeuta afetos antigos — é essencial para o vínculo terapêutico e deve ser manejado com ética, escuta e limites.

3.2. A formação do sujeito no ambiente escolar: o lugar do desejo
Para Freud, o sujeito é atravessado por desejos inconscientes desde a infância. Na escola, o desejo da criança muitas vezes colide com o desejo do outro (pais, professores, normas sociais), gerando angústias que precisam ser escutadas e simbolizadas.
A escola deve ser um espaço de acolhimento da diferença, onde a singularidade de cada criança seja reconhecida. Quando a instituição escolar impõe uma padronização rígida, sem considerar o ritmo e a subjetividade da criança, ela corre o risco de produzir sofrimento e exclusão.
O educador, inspirado pela ética psicanalítica, não deve tentar "ajustar" o aluno, mas compreendê-lo e escutá-lo. Como afirma Freud (1914),
“O sujeito não é senhor em sua própria casa”, ou seja, há sempre algo inconsciente em jogo”.
O reconhecimento da singularidade do sujeito implica em repensar práticas pedagógicas que valorizem a escuta, o diálogo e a construção de vínculos. Nesse contexto, o ambiente escolar torna-se um espaço potencial de elaboração psíquica, onde a criança pode expressar seus conflitos, desejos e angústias de forma simbólica e segura.
A psicanálise, portanto, contribui para a compreensão de que educar vai além de transmitir conteúdos: é acolher o sujeito em sua complexidade, respeitando seus tempos internos e suas manifestações singulares. A escuta qualificada do educador, atenta aos sinais do inconsciente, possibilita uma atuação mais humanizada, que favorece o desenvolvimento integral do aluno e promove uma escola mais inclusiva e afetiva.

4. Considerações Finais
O pensamento freudiano continua sendo uma das maiores referências para a compreensão da infância e do desenvolvimento humano. Sua teoria, ao considerar a existência do inconsciente, dos conflitos psíquicos e das experiências infantis como estruturantes da personalidade, revolucionou a forma como entendemos o ser humano.
Na Educação Infantil, a psicanálise oferece um olhar sensível e profundo sobre os comportamentos infantis, incentivando a escuta, o respeito ao tempo psíquico da criança e a valorização da subjetividade. Ao compreender que o brincar, o desenho, o silêncio ou a agressividade podem ser formas de comunicação inconsciente, o educador amplia sua escuta e transforma sua prática pedagógica.
A psicopedagogia, por sua vez, encontra em Freud fundamentos essenciais para compreender os processos de aprendizagem para além do desempenho e da cognição, reconhecendo o impacto das emoções, dos desejos e das relações afetivas. Em um mundo cada vez mais voltado à produtividade, recuperar a escuta freudiana é também recuperar a humanidade na educação. Escutar a criança em sua inteireza é um ato de cuidado, de resistência e de compromisso ético com o seu desenvolvimento integral.
A teoria freudiana, apesar de originar-se no campo clínico, oferece subsídios fundamentais para compreender o comportamento humano em seus diversos contextos, inclusive o educacional. Ao reconhecer a existência do inconsciente, dos desejos reprimidos e dos conflitos psíquicos, Freud abriu caminhos para uma escuta mais sensível e profunda da infância. Sua abordagem nos ensina que o comportamento infantil, muitas vezes visto como “problema” ou “birra”, pode ser, na verdade, a linguagem simbólica de um conflito não verbalizado.
No contexto escolar, essa escuta psicanalítica permite que educadores se posicionem de forma ética e afetiva, acolhendo a criança em sua totalidade, considerando seus sentimentos, angústias, resistências e modos singulares de se expressar. A atuação do professor, inspirada por essa perspectiva, vai além da transmissão de conteúdo: ele torna-se um mediador da subjetividade e um agente de cuidado.
Além disso, ao compreender os mecanismos de defesa, a transferência afetiva e as fases do desenvolvimento psicossexual, o educa-

dor amplia sua capacidade de interpretar atitudes infantis e de criar ambientes mais acolhedores e estruturantes. Isso também contribui para o fortalecimento da autoestima, da confiança e da segurança emocional das crianças.

Em tempos marcados por pressões escolares, avaliações padronizadas e excessiva medicalização da infância, resgatar a teoria freudiana é reafirmar o compromisso com uma educação que respeite o ritmo, a subjetividade e a complexidade do sujeito em formação. Escutar o desejo da criança, simbolizar o que não pode ser dito e promover espaços de elaboração são práticas que vão além do conteúdo: são práticas de humanidade.

5. Referências

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). Obras Completas, v. IV e V. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Obras Completas, v. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). Obras Completas, v. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). Obras Completas, v. XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). Obras Completas, v. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KUPFER, Maria Cristina. A psicanálise na educação: o impossível de ensinar e a ética do ato educativo. São Paulo: Escuta, 1998

BIRMAN, Joel. Freud e a educação: uma articulação necessária. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BOLLER, Liane. Psicanálise e educação: a criança entre saber e desejo. Porto Alegre: Mediação, 2004.